



Gregorio Franklin Baremlitt, o guerreiro do devir... cuidado, insurgências inventivas, utopias libertárias

In memoriam (15/12/1936 – 04/10/2021)

Gregorio Franklin Baremlitt, the warrior of becoming ... care, inventive insurgencies, libertarian utopias

In memoriam (December 15th 1936 – October 4th 2021)

Margarete Aparecida Amorim

Instituto Gregorio Baremlitt

Jorge Bichuetti

Fundação Gregorio F. Baremlitt

Domenico Uhng Hur

Universidade Federal de Goiás

Gregorio Esteban Kazi

Universidade de Uberaba / Instituto Gregorio Baremlitt

Maria de Fátima Oliveira

Fundação Gregorio F. Baremlitt
Brasil

Um dia, num tempo alegre, de claridades primaveris, quando o que se buscava era humanizar a vida e inventar o cuidado em liberdade, Gregorio Baremlitt, insurgente, ensinou: "O psicótico é a surra que o simulacro levou do sistema".
Outro dia, neste nosso tempo nublado, tempo de secar lágrimas e reaquecer os sonhos, entre a loucura e a profecia, ouvindo vozes no desamparo da sua crise, o palhaço Bentinho redescobriu a esperança, no despropósito de uma alucinação.
Ouvindo vozes, escutou: "O Esquizodrama é a rasteira que o simulacro deu no sistema".
Aí, até cantou: "Minha jangada vai sair pro mar"...
É que no cuidado em liberdade Gregorio vive...
Por uma nova Terra, por um povo por-vir, esquizodramatizando, ele é ... a luta que continua.
Jorge Bichuetti

Na madrugada de 04 de outubro de 2021, o guerreiro Gregorio Baremlitt faleceu, transvivenciou. O intenso estranhamento nos retira da possibilidade de compor uma escrita muito estruturada academicamente. Neste momento, doí pensar que ele partiu. Tempos sombrios.... Até as lágrimas respeitosamente estão



em estado de prece. Muita dor nos percorre, não sabemos onde, pois não sentimos o corpo. Madrugada e fragmentos. Talvez uma bricolagem. Ele adora bricolagens. A nossa Terra está mais cinzenta, o céu se intensificou: ele ganhou mais vida, vida que destemida sempre é a coragem da luta e a ousadia do sonho.

A história e os movimentos de Gregorio se misturam à própria trajetória de uma psicologia e psicanálise críticas, da luta antimanicomial, da invenção de novos dispositivos, saberes, práticas e clínicas¹ e, principalmente, da esquizoanálise e do esquizodrama. Gregorio é um pensador e clínico múltiplo e multiplicitário, nessas mais de seis décadas de trabalho dedicado aos saberes e práticas *psi*. Ele sempre compôs sua diversidade de trabalhos com uma série de coletivos e associações dos quais fez parte em toda sua vida. Gregorio é um ser de matilhas, um fractal que reflete inúmeras facetas que expressam os diferentes movimentos de sua vida.

Dessa forma, o objetivo desse texto é apresentar fragmentos da trajetória de Gregorio Baremlitt, mesclados à memória afetiva que dele temos. O método utilizado foi o amplo estudo e aprendizagem de sua obra, realizados mediante contato direto com ele, trabalho clínico, supervisão e leitura de seus textos e de comentadores. Os/as diferentes autores/as desse ensaio utilizaram o dispositivo da *clínica de multiplicação da escrita*, inspirados numa das 5 clínicas cruciais do esquizodrama – clínica da multiplicação dramática. A consigna foi que cada um/a redigisse o texto no período de um dia, e enviasse para o/a próximo/a autor/a. O/a próximo/a autor/a tinha a total liberdade para reorganizar, reescrever, reformular o texto tal como lhe conviesse, passando assim no dia seguinte ao/à próximo/a e assim sucessivamente. Foram realizadas duas rodadas desse procedimento, assim cada autor/a trabalhou com o texto em dois momentos. Vale citar que todos/as os/as autores/as fazem parte da equipe docente do Instituto Gregorio Baremlitt (Belo Horizonte/MG), sendo seus amigos/as, e inclusive sua companheira também é autora desse ensaio.

Klínica e política

Sua obra sempre foi intensamente marcada pelo agenciamento de sínteses diversas entre clínicas, políticas revolucionárias, ética da amizade, das rebeldias e os agires como realização conectiva de processos de transform-ação. Foi militante, desde os dez anos de idade, na província de Santiago del Estero/Argentina, num

¹ Gregorio Baremlitt optou por referir-se à clínica com 'k', e não com 'c', como tradicionalmente é grafada. Se clínica remete ao debruçar-se do terapeuta sobre o leito do enfermo, a clínica refere-se ao clinamen, a produção de desvios e diferenças a partir dos encontros. Para Baremlitt (1998), toda clínica é produção de diferenças e acontecimentos.



movimento indígena que posteriormente compôs com o ERP, Exército Revolucionário do Povo, histórica guerrilha que teve como um de seus líderes Mario Roberto Santucho. Dessa territorialidade de origem, reconhecia a sua experiência com uma região geográfica desértica como território liso (Deleuze & Guattari, 1980) dizendo: “no deserto santiaguense te é retirada até a intempérie, aí se trata de inventar e experimentar a vida de outros modos”. As vidas como intensidades, como composição nômade e insólita, como produção intempestiva que quebra as métricas, as adequações ao estabelecido, a prescrição de “equilíbrios” estanques. Vidas que se sublevam perante a docilidade e obediência dos corpos impostas pelos regimes de normatização hegemônicos.

Sua participação política no movimento social o marcou e deflagrou intensidades que pulsaram em seu corpo por mais de setenta anos, atualizando-se em dispositivos coletivos de enunciação/práxis insurgentes.

Formou-se em Medicina, em 1961, na Universidade Nacional de Buenos Aires, tornando-se psiquiatra e livre-docente em Psiquiatria. Nesse período, também fez pós-graduação em Sociologia, pois, diferente do Brasil, de acordo com ele, não eram poucos os médicos argentinos que complementavam sua formação com estudos sobre marxismo.

Essa verve política e ativista fez com que cursasse toda a formação da Escola de Psicologia Social de Enrique Pichon-Rivière, e dentro da formação na Associação Psicanalítica Argentina, que chegara até o quarto ano, participasse de uma insurgência coletiva, numa dissidência denominada como Grupo Plataforma Argentina. Com M. Langer, E. Pavlovsky, A. Bauleo etc. expressaram suas críticas e descontentamento frente à associação psicanalítica², sendo o primeiro grupo a se desfiliar da IPA (*International Psychoanalytical Association*) por questões políticas.

Ainda na Argentina, participou do Centro de Docência e Investigação da Coordenação de Trabalhadores Argentinos de Saúde Mental e fundou a Escola de Psicologia Freudiana e Socioanálise (EPFSO). Na década de 1970, a Esquizoanálise se molecularizava pela América Latina junto a Gregorio Barenblitt, que foi o seu principal introdutor. E, dois anos depois, começavam as primeiras experimentações esquizodramáticas, ainda em estado larvar, pulsante. E não tinham “cheiro de croissants”, como alguns aludem ao odor de maio de 1968 francês. Entretanto, um companheiro do movimento surrealista da América Latina, que participou ativamente desse acontecimento, nos contou que não havia apenas esse cheiro. O maio de 1968 não pode ser reduzido a essa metáfora empobrecida,

² Essas críticas podem ser encontradas, entre várias obras, nos livros “Questionamos 1 e 2” (Langer, 1973; 1977).



visto que sensibilidades e ações multiplicárias ali se deflagraram molar e molecularmente. Por sua vez, a atualização do Esquizodrama teve diversos outros cheiros, cores, peles, durações, quebras, sínteses, composições, agenciamentos. O “dispositivo Baremlitt” também foi perpassado pelo Cordobazo, o Rosariazo, o massacre de Ezeiza, diversas manifestações, passeatas, reuniões e modos de organização das resistências perante a consolidação do Estado terrorista emergente de processos de alta complexidade.

Durante a ditadura militar argentina, Gregorio era militante da Frente Política Cultural. Passou a temer por sua segurança, visto que muitos ativistas, intelectuais e psicanalistas de esquerda eram perseguidos, presos e assassinados pelo Estado de exceção. Planejou seu exílio na Venezuela, mas, ao chegar ao aeroporto, ficou sabendo que as forças repressoras tinham armado para prendê-lo, o que o fez imediatamente dirigir-se ao Brasil, mais especificamente ao Rio de Janeiro, onde tinha queridos amigos (Baremlitt, 2021).

Em solo brasileiro, organizou os Simpósios Brasileiros de Psicanálise, Grupos e Instituições. A 1ª edição em 1978 teve a presença de intelectuais de destaque, como: Félix Guattari, Franco Basaglia, Robert Castel, Marie Langer, etc., bem como dezenas de militantes da saúde mental. Vale ressaltar que foi a primeira vez que Guattari visitou o país. Logo após o 1º simpósio, Gregorio, com companheiros, criou o IBRAPSI, Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições³, e o segundo simpósio foi registrado no livro “O Inconsciente Institucional” (Baremlitt, 1984). Em todas essas iniciativas, desde o início da década de 1970 na Argentina, Baremlitt ensinava, atendia e supervisionava conteúdos ligados à Psicanálise, Análise Institucional, Esquizoanálise e Esquizodrama. Contudo, ressalta-se que mesmo a Psicanálise trabalhada por ele não era uma Psicanálise tradicional, mas sim uma Psicanálise transgressiva, uma Psicanálise ‘roja’, influenciada pelo freudomarxismo, que passou por uma mutação, adquirindo novos contornos, circuitos desejanter, produzindo outro campo de saberes e práticas e com uma forte implicação político-social. Até que Gregorio a abandona completamente – sendo um dos raros teóricos que demonstra a incompatibilidade da mesma com a Esquizoanálise e, posteriormente, com o Esquizodrama, e que critica ferrenhamente quem tenta fazer essa compatibilização (Baremlitt, 2004). Sempre manteve militância em movimentos sociais e de devires minoritários. Por tais posicionamentos críticos e insurgentes, Gregorio foi perseguido e atacado, recebendo inclusive ameaças de morte. Nesse período, ministrou muitos cursos e

³ Para mais informações sobre a história do IBRAPSI, sugerimos a obra de Heliana Conde Rodrigues e o livro de André Rossi (2021).



formações em Esquizoanálise e Esquizodrama no país, na América Latina e países na Europa. Publicou dezenas de livros e artigos, dos quais aqui citamos os mais difundidos “Grupos – teoria e técnica” (Baremlitt, 1982), e o “Compêndio de Análise Institucional” (Baremlitt, 1996), livro referência da maioria das disciplinas de Psicologia Institucional nas graduações em Psicologia do país⁴ (Hur, 2014).

Esquizodrama

Gregorio teve uma formação transdisciplinar que remete ao que ele denomina ‘Ecletismo superior’⁵. Gestou o Esquizodrama por vários motivos, mas não apenas devido à sua rica formação, que transversaliza variados campos. Um dos aspectos mais importantes foi a sua implicação política e indignação insurgente: a compreensão do Esquizodrama como dispositivo de resistência ao terrorismo de Estado Argentino, que o exilou, bem como a muitos/as companheiros/as. Gregorio não se tornou um guerrilheiro da ERP, mas foi um guerrilheiro na clínica e da vida, tomando em punho e inventando as armas mais insólitas possíveis. Sempre numa eterna reinvenção, ou como os trotskistas diriam: numa revolução permanente.

Gregorio inventou o Esquizodrama na década de 1970 e foi em Minas Gerais que mais floresceu. Belo Horizonte e Uberaba são cidades onde esse conjunto de conhecimentos e práticas mais se difundiu. Baremlitt (2002; 2019) sempre dizia, “se a Esquizoanálise é a arte de criar conceitos, o Esquizodrama é a arte de dramatizar esses conceitos filosóficos”. E foi ali, no estado em que G. Lapassade realizou uma análise institucional de meses na Universidade Federal de Minas Gerais, onde a Psicossociologia e a Socioanálise (e também o lacanismo) têm muitos adeptos, que Gregorio se aliou e compôs com seus mais importantes companheiros/as. Em Belo Horizonte, criou o Instituto Félix Guattari (IFG) e, em Uberaba, surgiu a Fundação Gregorio F. Baremlitt e o maravilhoso CAPS-Maria Boneca. Nos últimos anos, os colaboradores do IFG, de forma unânime, optaram por mudar seu nome para Instituto Gregorio Baremlitt (IGB), proposta que a princípio não agradou muito a Gregorio, mas que teve que acabar aceitando – isso por ficar cada vez mais clara sua trajetória singular, inclusive, no que diz respeito à Esquizoanálise.

⁴ Também vale citar que Gregorio foi co-orientador de muitos pesquisadores/as. Dentre eles/as, citamos, Neusa Santos Souza (1983), a quem foi transmitida as discussões sobre os devires-minoritários, e que culminou num trabalho que é referência à luta antirracista atual: “Tornar-se negro”.

⁵ Em alusão ao que Gilles Deleuze (2001) denomina de ‘Empirismo superior’, ou ‘Empirismo transcendental’.



Consideramos que o Esquizodrama é o invento mais original e criativo resultante da esquizoanálise de Deleuze e Guattari. É a expressão de toda a fertilidade inventiva e potência intelectual e *prática* de Gregorio, que gestou um modo singular de se fazer a Esquizoanálise na América Latina, de forma crítica, insurgente, intensiva, inventiva e intervencionista, mas também com muita suavidade. Se alguns afirmam que S. Freud era um excelente teórico e clínico mediano, ousamos dizer que Baremlitt era um excelente teórico e clínico estupendo. Nesse sentido, articulava todas suas experimentações e práticas para a produção de novas teorias, concepções, novos mundos. Como um traficante do caos, da realteridade (Baremlitt, 1998), sempre trazia novas partículas de afetações, de intensidades, que sempre produziam outros sentidos. O esquizodrama na vida, sempre... a experimentação da vida... vida que se faz inclusão, liberdade, generosidade, arte, compaixão e solidariedade.

Gregorio sempre trabalhou muito, com a alegria de que seu trabalho era a atualização de sua utopia ativa. Sua efervescência intelectual nunca parava. Trabalhou até o último minuto. Mesmo com a saúde debilitada continuava ministrando suas aulas nas formações de esquizodramatistas e passava horas debatendo a dimensão teórica e suas conexões práticas com quem o visitava. Mesmo com dezenas de livros e artigos publicados, continuava produzindo novas reflexões, ou alterando radicalmente textos já escritos. Por exemplo, na tradução do "Psicoanálisis y Esquizoanálisis" (Baremlitt, 2004) ao português, a obra foi revisada radicalmente ganhando mais de cem novas páginas. Na revisão do pequeno texto "Dez proposições descartáveis acerca do esquizodrama" (Baremlitt, 2002) para a Imersão de Esquizodrama de 2019, acabou transformando-o num singelo e fecundo livro (Baremlitt, 2019). Na preparação de material didático para a Imersão de 2020, com uma bricolagem entre textos novos e antigos e de companheiros/as, fabricou ainda outro livro (Baremlitt, Amorim & Hur, 2020), e dizia brincando: "às custas de muitos analgésicos". E ao desencarnar, estava com outros textos em andamento, inéditos e revisões. Com seus companheiros/as de IGB estava escrevendo outro livro: "As cinco clínicas do esquizodrama". Atualmente, seu amigo Cid Knipel, experiente tradutor, está revisando seis livros de Gregorio, que estão em processo de publicação. Mais amigos, entre eles, Henrique Balieiro e Paulo Vasconcelos, e os que assinam este texto, estão organizando um memorial virtual em sua homenagem⁶ – "que bom é ter um amigo", já dizia Gregorio em um de seus poemas.

⁶ O site do memorial em construção está localizado no www.gregoriobaremlitt.com.br. Estamos recebendo material como fotos, vídeos, textos e outras recordações de Gregorio no e-mail: memorial@gregoriobaremlitt.com.br.



Um amigo para todas as horas e lugares

O professor Gregorio sempre foi um farol. Acolhedor, sabia ser sustentação, alicerce e horizonte. Guerreiro, era o pensamento inovador articulando sonhos e lutas no esforço de humanizar o mundo, desacorrentar o cotidiano, derrubar muros e despertar um novo tempo. Ele, invariavelmente, agia abrindo no horizonte as janelas da vida reinventada. Gregorio sempre lembra e valoriza suas muitas amizades. Falava com amor das realizações do CAPS Maria Boneca pois "Hermano, quem ama as/os loucas/os, sabe que há que inventar outros Mundos". As entre-afecções com E. Rodrigué, a amizade com E. Pavlovsky e A. Bauleo, Martha De Brasi, Juanito, Matraj, a infância com Montenegro. Dos encontros com Rozitchner em muitas esquinas a proposição de "pensamentear". O encontro do "Espacio Institucional" foi fundamental pelo restabelecimento de vínculos de afeto, mas também para refletir criticamente no que ele pensava como modos de reconfiguração do par genocídio-extermínio na América Latina, que experienciou o desaparecimento forçado de corpos-entre-corpos e institucionalizou o exílio como outro modo de recusa do caráter multiplicatório das Vidas.

Participou de diversos congressos de Saúde Mental e Direitos Humanos na Argentina, realizados por Gregorio Kazi. Ali, houve muitos reencontros. Janine Puget, um aperto de mão com Fernando Ulloa, os movimentos de gênero, pela terra, pela ecologia, abraços com Hernán Kesselman e outros/as. Chegava na Argentina e dizia: "me leva para o bairro", que eram os lugares de militância no campo popular. Madrugadas viradas. Muitas. Essa ênfase na ação militante, quando estava em Buenos Aires, se compunha como um *patchwork* com retalhos que provinham dos encontros com Lia, sua irmã sempre presente amorosamente, Silvia sua sobrinha e a saudade de Alejandro, seu sobrinho, de quem sempre lembrava rememorando uma frase que o fazia rir: "Preocupate tranquilo".

Os diversos congressos internacionais de Esquizoanálise e Esquizodrama, seja em Montevideú, Uberaba, Belo Horizonte. Encontros e produções, utopias ativas, afetos/desejo/lutas. Na assembleia de um deles, a referência na pesquisa-ação, Michel Thiollent, afirmou: "Nesse congresso, vocês conseguiram magistralmente unir teoria à prática". O Instituto Félix Guattari, da "Cidade Vivente" e hoje com os/as companheiros/as que o povoam com suas produções... hoje território atual de um/vários Gregorios Barembliitts que fluem nas eternidades do agora. Não só no presente, mas numa coexistência virtual entre múltiplos planos temporais. Em blocos de afetos e intensidades que funcionam como ancestrais dos porvires. Margarete e Raphael seu "adorável dispositivo". De sua rostidade às multiplicidades. Mas ele, nosso mestre, supervisor e inspiração, foi



muito mais.... Foi parceria, cumplicidade, solidariedade. Palavra, sim; mas sempre, também, mão estendida, ombro e colo...

Baremlitt é uma incubadora de devires insurgentes e libertários, ternos e amorosos, revolucionários. Um mestre, um amigo. Ele personifica a imagem que Paulo Freire criou para se autorretratar: um fazedor de futuro. Uma conferência, a conversa numa mesa redonda, um curso... com Gregorio nunca foi apenas um aprendizado, ou até mesmo conscientização; já que se percebe nestes encontros o professor singular e plural que propicia uma experiência, experimentação: uma experiência vivida e vívida, "experiência nua", um acontecimento. Ele mobiliza e mistura... o magnífico, o magistral, o enciclopédico com o diálogo criativo, com o performático, múltiplas vozes, a arte e o arteiro, o encontro e a travessia, o devir... a incubação do novo, na potência da alegria e no aconchego dos bons encontros.

Gregorio – um mestre, um amigo...

Os mestres não passam, os amigos não se ausentam.... Ficam, permanecem.... Eternizam-se na potência de suas lições, na boniteza da ternura que lhes marcam a amizade.... Um amigo, um várias coisas, que, neste momento, só podemos bricolear. Militante, intelectual inigualável e prático, escultor, plantador de plantinhas, escritor de contos, poemas e *chanzas*. Um farol. Sempre corporeando lutas e sonhos, devires amorosos por paz e libertação. Sempre tramando o novo. Amigo leal, sincero, generoso, amável, amoroso e sensível, perspicaz, consistente e coerente com a ética de quem lutou sempre pela justiça coletiva, defensor dos Direitos Humanos, desde menino, assim como muitos de seus discípulos/as e amigos/as. Sempre nos elogiou e nos motivou para que continuássemos inventando e produzindo nossas próprias ideias, nossas próprias máquinas clínicas. Dr. Gregorio é personificação viva da clínica do devir, foi ao longo da caminhada o amigo, presente ... um amigo generoso, terno, acolhedor O céu do Gregorio é as terras do devir. Como os territórios esquizodramáticos do devir são ilhas do céu no meio do mundo. Ele nos abriu um território imenso, do qual sua partida o tornou um deserto. Então, como fazer com que esse deserto seja povoado e ocupado por suas matilhas, suas multidões, por nós? Como fazê-lo florescer um novo mundo, uma nova vida?

Gregorio nos deixou muitas ferramentas e reflexões que podem nos potencializar nessa tarefa de semear e gestar novos mundos possíveis. Deixou-nos um legado. Porém, é uma obra que ainda deve ser redescoberta, melhor visibilizada, mais estudada. Cremos que um dos seus desejos é que sua obra não pare, que rizomatize fúngicamente, como Kazi diria. Que haja uma multiplicação, uma proliferação inventiva desejante, ressoando a partir de sua potência e intensidades. E que os protagonistas e autores/as dela não sejam apenas sua



equipe de colaboradores, mas sim a multidão de participantes e esquizodramatizados/as nos diversos congressos, cursos, imersões, palestras, esquizodramas etc., e que cada um leve esse pólen de insurgência e transformação baremblittiana em suas vidas, dispositivos e escritos.

Nele tivemos também a potência da vida que se realiza em diálogos com os sonhos Sonhos que, para ele, eram sempre o pulsar da esperança, lubrificando as engrenagens da luta. Gregorio, saiba que você ficará ... na eternidade da sua obra, no imperecível e cálido ninho que sempre foi e é o devir amoroso do seu revolucionário coração. Seguimos sempre te tendo como referência de cuidado e de trabalho insurgente, criativo e libertário que viabiliza de fato o desejo revolucionário de fazer caber no mundo a diferença. Continuamos Continuaremos juntos esquizodramaticamente ... nos encontrando nos portais da realteridade. Vamos estar juntos sempre esquizodramatizando a esperança, multiplicando o amor, desbravando nos *fronts* da revolução a paz e a amizade. Você há de permanecer vivo, eterno, fecundo e verdejante em cada ação, em cada projeto, em cada passo nosso, como caminho partilhado. Eis o nosso pacto. Assim, por uma nova Terra, por um povo por-vir, com o velho e eterno amor cuidando no tempo da dor, nas tramas do agora, com o devir Baremblitt, para que a vida possa alvorecer um dia a alegria da liberdade, justiça e paz – pajelança do devir. E é com ele que buscaremos canto e prosa para baremblittiar a luta que continua.

Desejando-lhe com todas as forças que seu duplo guerreiro – ave transmutada em transvisão; abra frestas entre as folhagens, alçando voo pelas cordilheiras, produzindo lampejos luminosos, atravessando aragens com lampiões, sóis, dezenas de arco-íris, luzes, devires imperceptíveis, luminescência. Multiplicar Gregorio. Gregorio Franklin Baremblitt presente, sempre, sempre ...

Referências

- Baremblitt, G. F. (Org.) (1982). *Grupos: teoria e técnica*. Rio de Janeiro: Graal.
- Baremblitt, G. F. (Org.) (1984). *O inconsciente institucional*. Petrópolis: Vozes.
- Baremblitt, G. F. (Org.) (1996). *Compêndio de Análise Institucional e outras correntes*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Baremblitt, G. F. (1998). *Introdução à Esquizoanálise*. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari.
- Baremblitt, G. F. (2002). Dez proposições descartáveis acerca do esquizodrama (mimeo).



- Baremlitt, G. F. (2004). *Psicoanálisis y Esquizoanálisis (un ensayo de comparación crítica)*. Buenos Aires: Asociación Madres de Plaza de Mayo.
- Baremlitt, G. F. (2019). *Esquizodrama: 10 proposições descartáveis*. Belo Horizonte: Instituto Gregorio Baremlitt.
- Baremlitt, G. F. (2021). Posfácio. Em: A. Rossi. *Formação em esquizoanálise: pistas para uma formação transinstitucional* (pp. 151-164). Curitiba: Appris.
- Baremlitt, G. F., Amorim, M. A. & Hur, D. U. (2020). *Esquizodrama: teoria, métodos, técnicas – clínicas*. Belo Horizonte: Instituto Gregorio Baremlitt.
- Deleuze, G. (2001). *Empirismo e Subjetividade: ensaio sobre a natureza segundo Hume* (Luiz Orlandi, Trad.). São Paulo: 34 (Original publicado em 1953).
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1997). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, volume 5* (Peter Pål Pelbart, Janice Caiafa, Trad.). São Paulo: 34 (Original publicado em 1980).
- Hur, D. U. (2014). Trajetórias de um pensador nômade: Gregório Baremlitt. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 14(3), 1021-1038.
- Langer, M. (1973). *Questionamos a psicanálise e suas instituições* (Kátia do Prado Valladares, Trad.). Petrópolis: Vozes (Original publicado em 1971).
- Langer, M. (1977). *Psicanálise institucional e psicanálise sem instituição* (Maria da Conceição M. Rubinger, Trad.). Belo Horizonte: Interlivros (Original publicado em 1973).
- Rossi, A. (2021). *Formação em esquizoanálise: pistas para uma formação transinstitucional*. Curitiba: Appris.
- Souza, N. S. (1983). *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal.

Nota sobre as/os autoras/es:

Margarete Aparecida Amorim é psicóloga, mestre e doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Esquizodramatista. Coordenadora do Instituto Gregorio Baremlitt (Belo Horizonte/MG). E-mail: margareteaamorim@gmail.com.



Jorge Bichuetti é médico do CAPS-Maria Boneca, analista institucional, esquizoanalista e esquizodramatista. Membro da Fundação Gregorio F. Baremlitt (Uberaba/MG). E-mail: jorgebichuetti@gmail.com.

Domenico Uhng Hur é psicólogo, mestre e doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo. Professor-associado da Universidade Federal de Goiás. Esquizodramatista. E-mail: domenicohur@hotmail.com.

Gregorio Esteban Kazi é psicólogo pela Universidad de Buenos Aires e doutorando em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo. Co-fundador da Universidad Popular Madres de Plaza de Mayo. Professor da Universidade de Uberaba e do Instituto Gregorio Baremlitt. Esquizodramatista. E-mail: gregoriokazi@gmail.com.

Maria de Fátima Oliveira é psicóloga, especialista em Saúde Mental e Saúde Pública. Esquizodramatista. Instituidora da Fundação Gregorio F. Baremlitt e do CAPS-Maria Boneca. E-mail: mfatimaoliveiraprado@gmail.com.

Data de submissão: 29.10.2021

Data de aceite: 03.11.2021